

O emprego no espaço rural: o caso do município de Palmela (Portugal)



O EMPREGO NO ESPAÇO RURAL: O CASO DO MUNICÍPIO DE PALMELA (PORTUGAL)

EMPLOYMENT IN RURAL AREAS: THE CASE OF PALMELA'S COUNTY (PORTUGAL)

RESUMEN

Depois de uma ditadura de quase 50 anos que mergulhou Portugal num grande isolamento internacional, o final da década de 80 do séc. XX, com a adesão à CEE -Comunidade Económica Europeia, marcou o início de uma grande transformação económica social no território mais ocidental da Europa. Neste período, em que se verificou uma assinalável melhoria das condições de vida dos portugueses, a ênfase colocada no sector primário transita para o sector terciário. Este é também o momento das grandes obras públicas e das iniciativas de projecção internacional que deram uma nova visibilidade e proporcionaram a oportunidade para a apresentação de uma imagem positiva e moderna de Portugal. Neste contexto, o presente artigo pretende analisar a questão do emprego no concelho de Palmela que, sendo de matriz rural, está localizado na Área Metropolitana de Lisboa. Neste caso serão também analisadas as perspectivas do crescimento e evolução da população e sua relação com o desenvolvimento económico, nomeadamente no âmbito dos seus efeitos na preservação da paisagem e da marca identitária de um concelho de forte tradição rural. Pretende-se ainda abordar o território no âmbito dos seus diálogos urbanos e rurais no tempo do espaço global. .

PALAVRAS-CHAVE: Desenvolvimento económico; emprego; espaço rural; identidade; mudança social

Copyright © Revista San Gregorio 2017. ISSN 2528-7907. ©

ABSTRACT

After a dictatorship of almost 50 years that immersed Portugal in a great international isolation, the end of the decade of 80's of 20th century, by joining the EEC-European Economic Community, marked the beginning of a major economic and social transformation in the most Western territory of Europe. During this period, where there was a marked improvement in the Portuguese living conditions, the emphasis placed on the primary sector moves to the tertiary sector. This is also the time of great public construction projects and international projection initiatives that have given new visibility and provided the opportunity for a positive and modern image of Portugal. In this context, this communication intends to analyse the employment issues in the Palmela County, which being a rural matrix, is located in the Lisbon Metropolitan Area. In this case, the population growth perspectives, their evolution and their relationship with economic development will also be analysed, particularly in the context of their effects on the preservation of the landscape and the brand of a County which has strong rural traditions. It also intends to approach the territory in the scope of its urban and rural dialogues in the time of the global space.

KEYWORDS: Economic development; employment; rural area; identity; social change.

Copyright © Revista San Gregorio 2017. ISSN 2528-7907. ©



ARTÍCULO RECIBIDO: 23 DE ENERO DE 2017

ARTÍCULO ACEPTADO PARA PUBLICACIÓN: 8 DE MAYO DE 2017

ARTÍCULO PUBLICADO: 15 DE SEPTIEMBRE DE 2017

I INTRODUÇÃO

The past gave us identity. The future is built with Excellence.¹

Palmela é um território de matriz rural. Até finais da década de 50 do século passado a agricultura era a base da economia local. Apesar das transformações que ocorreram ao longo das últimas décadas o concelho assume esta matriz como identitária e não abdica das profundas raízes que assentam na cultura de um povo de trabalho. O homem moldou a terra difícil e dela extraiu durante um tempo milenar o seu sustento, à custa de muito esforço, suor, trabalho e muito sacrifício.

A marca agrícola e a excelência dos seus vinhos ainda hoje colocam esta geografia da península de Setúbal em lugar cimeiro nestes sectores. Os vinhos de Palmela são conhecidos em todo o mundo. Em 2012 Palmela foi Cidade Europeia do Vinho. A sua produção agrícola e a excelência e magnitude das suas paisagens entre o Tejo e o Sado, bem como o esplendor da Serra da Arrábida são pontos de referência de um território que soube preservar e valorizar o seu património e as suas raízes. O seu castelo lembra o poderio senhorial da Ordem de Santiago.

O imenso património natural e cultural do concelho, com destaque para a Vila de Palmela, é hoje base do desenho de estratégias da governação local que, acima de tudo, procura promover o desenvolvimento do seu território de intervenção a partir da valorização do seu potencial endógeno, em particular da riqueza cultural e natural que a cada instante se descobre.

As estratégias de promoção do turismo local foram partilhando espaço com o mundo rural. Apesar da proximidade de Lisboa, o concelho de Palmela consegue oferecer a tranquilidade e a beleza da paisagem natural que em parte o homem transformou e preser-

vou. Neste sentido, o maior concelho do distrito de Setúbal e uma das maiores extensões geográficas da área metropolitana de Lisboa tem conseguido conciliar o melhor do mundo rural com o crescimento demográfico e urbano que a localização de muitas indústrias, em particular do cluster automóvel, ajudou a estimular.

Nesta área da península de Setúbal, a empresa alemã Autoeuropa teve um papel estruturante ao inaugurar em 1995, em Palmela, uma unidade de produção que absorve, actualmente, cerca de 3.500 trabalhadores diretos e uns milhares de postos de trabalho indiretos e representa cerca de 1,1% do PIB português.

O concelho de Palmela beneficiou, como todo o território nacional, com os ventos de mudança que sopraram no país após a Revolução do 25 de Abril que derrubou um regime ditatorial de quase 50 anos e abriu as portas da economia à Europa e ao mundo.

As décadas de 70 e 80 do século XX foram fundamentais para a instauração e consolidação do regime democrático e para a adesão de Portugal à CEE - Comunidade Económica Europeia (1986). Nos primeiros anos de integração europeia e beneficiando da entrada dos fundos de coesão, o país modernizou-se, construiu infraestruturas, melhorou os seus indicadores em todos os sectores de atividade depois de muitas décadas de atraso e de isolamento internacional.

O concelho de Palmela beneficiou em particular destas transformações económicas e sociais uma vez que a sua posição geográfica, as boas acessibilidades e a proximidade a Lisboa, permitiram a instalação de unidades fabris que absorveram mão-de-obra local, qualificando-a, e induzindo desenvolvimento na geografia local e regional.

Não se pode tratar o caso de Palmela sem uma objetiva referência ao contributo da Autoeuropa para a empregabilidade e estímulo à economia regional e nacional. O início da laboração desta unidade de produção de automóveis na década de 90 contribuiu de forma decisiva para aumentar os níveis de empregabilidade no território com todas as con-

1. Este lema foi colocado em todos os endereços electrónicos dos colaboradores da Autoeuropa, funcionando como um lema de motivação permanente. A globalização liga o global ao local referindo-se ao passado e identidade da empresa mas também ao tempo milenar do concelho.

seqüências positivas que esse efeito teve na economia, na coesão e no desenvolvimento do concelho de Palmela e da região de Setúbal.

Este nosso artigo pretende lançar um olhar mais criterioso para a questão do emprego no território rural de Palmela, cruzar algumas variáveis e tentar identificar, no quadro das limitações de espaço do presente texto, algumas linhas de evolução estatísticas com base nos censos gerais da população e em outras fontes que nos permitam entender melhor as transformações que aconteceram neste território rural desde 1960 até 2011.

Em função do trajeto percorrido, entendido, salvo melhor opinião, que este território de matriz rural, localizado na AML - Área Metropolitana de Lisboa², é um exemplo de desenvolvimento sustentável e um espelho que evidencia a importância das políticas que conciliam as raízes e o meio rural com o espaço urbano, os ventos de mudança e, em concreto, a localização do principal cluster automóvel de Portugal.

Este é um concelho de transição permanente entre o espaço rural e o espaço urbano que procura, a todo o tempo, maximizar as vantagens de um e de outro, apontando os caminhos do futuro sem esquecer o seu passado milenar.

UMA TERRA DE TRABALHO, UM "CHÃO QUE DÁ UVAS"

Habitada desde tempos pré-históricos, palco das lutas da conquista cristã aos Mouros, a vila de Palmela recebe o primeiro foral pela mão de D. Afonso Henriques em 1185. Percorrendo as suas ruas, marcamos encontro com a história, sentimos a importância do poderio senhorial da Ordem de Santiago que, durante vários séculos, teve a sua sede no castelo de Palmela e cuja presença no território influenciou, de forma muito expressiva, a sua marca identitária.

O concelho de Palmela é extinto em 1855, tendo sido integrado no concelho de Setúbal, actual capital de distrito. Foi de novo restaurado em 1926. A vila de Palmela é um autên-

tico museu a céu aberto e as suas ruas constituem um percurso fantástico para podermos desfiar memórias e marcar encontro com a história. O seu castelo ergue-se ao alto, imponente, qual sentinela entre o Tejo e Sado.

Câmara municipal de Palmela e vista panorâmica. (Anexos)

No ano de 1937 o geógrafo Orlando Ribeiro refere-se a Palmela, no seu esboço geográfico sobre a Arrábida, como uma terra difícil que o homem conquistou à charneca e à custa de muito trabalho:

Palmela, grande vila ainda aninhada no seu morro, de casas brancas e ruas acanhadas, comanda as vastas planuras de sopé, coroada por um castelo que foi sede da Ordem de Santiago, vigiando simbolicamente uma das entradas das terras baixas do Sul, que aquela ordem incorporou no território nacional (...) para o norte os contornos geométricos das vinhas, olivais, campos de trigo e até pinhais e eucaliptais, salpicados de casas disseminadas, constituem uma paisagem de colonização, que transformou as charnecas, à força de estreme e de trabalho, num dos centros abastecedores da capital e das aglomerações próximas (Ribeiro, 2004).

São densas e sentidas as palavras do geógrafo que traçam o perfil de um território de matriz rural que se afirmou sempre pela força do trabalho e no combate a todas as tempestades. Palmela é na geografia humana uma terra de gente de trabalho, persistente e determinada, que conquistou patamares muito para além da difícil transformação da charneca. Este território é chão que dá uvas (Prata, 2013), como lhe chamou Cristina Prata no título do estudo que realizou sobre a terra e o trabalho das gentes nesta geografia dos vinhos de excelência. No prefácio do chão que dá uvas a investigadora Dulce Freire refere que este trabalho para além de valorizar os vinhos que dão cor, brilho e prestígio a Palmela devem tanto à bonança, como à tempestade em que nasceram e cresceram. Um percurso marcado por tensões, problemas, contradições, diferença, crises, ambições e sucessos. Afinal, um passado muito parecido com o presente (Prata, 2013).

2. A Área Metropolitana de Lisboa é constituída pelos concelhos de Alcochete, Almada, Amadora, Barreiro, Cascais, Lisboa, Loures, Mafra, Moita, Montijo, Odivelas, Oeiras, Palmela, Seixal, Sesimbra, Setúbal, Sintra e Vila Franca de Xira.

Esta terra de vinhos e de paisagens deslumbrantes cruzou o seu destino com a globalização, mas, até à presente data, não perdeu a sua identidade. Talvez esse chão que foi tão difícil de conquistar esteja ainda a reclamar a presença dos homens que moldaram a geografia para não perderem o norte da sua matriz, apesar de todas as transformações dos tempos e da necessária adaptação aos fluxos próprios de uma economia aberta e exposta à aldeia global.

Neste contexto, o futuro deste território é um trabalho de reconstrução que interage com o presente e com o passado, como reforça o geógrafo Jorge Gaspar:

Assim, quando observamos as nossas cidades, as atuais, estamos, simultaneamente, a reconstruir o seu passado e o seu futuro: é da forma, da atitude, da crítica que somos capazes de levar a cabo, que vai de pender o seu futuro. Como notei várias vezes, analisando um grande número de cidades, elas só são elegíveis, inteligíveis, através de um exercício de reconstrução do seu tempo histórico, através dos seus espaços (Gaspar, 2016).

O TERRITÓRIO DE PALMELA

O concelho de Palmela tem uma área de, aproximadamente, 465 Km² e está localizado na faixa litoral de Portugal, na península de Setúbal³, sendo um dos 18 municípios que compõem a AML. É um dos territórios de maior extensão geográfica da região. Possui uma vasta área natural situada nas bacias dos rios Tejo e Sado, com particular destaque para o território concelho inserido no estuário do Sado e no Parque Natural da Arrábida.

O concelho de Palmela representa 18,6% da produção agrícola e animal da península de Setúbal (NUT III que agrega os concelhos de Alcochete, Almada, Barreiro, Moita, Montijo, Palmela, Seixal, Sesimbra e Setúbal) que, por sua vez, representa 4% do total nacional, tendo gerado em 2011 um volume de negócios de 161 milhões de euros.

Em 2009, o concelho de Palmela concentrava 66% das 2.261 explorações agrícolas com culturas permanentes, sendo os vinhos e a

maçã riscadinha os seus maiores expoentes. No ano em referência, foram identificadas 1.611 explorações agrícolas com culturas temporárias, das quais 668 (41%) estavam localizadas no concelho de Palmela.

A sua matriz rural, de ocupação agrária antiga e intensa, é o espelho de uma paisagem de colonização como lhe chamou o geógrafo Orlando Ribeiro que, na atualidade, convive com processos de industrialização de grande escala e com processos de promoção do desenvolvimento local que passam pela valorização da paisagem e do património turístico e cultural. Neste sentido e apesar da sua proximidade com a cidade de Lisboa e do crescimento industrial da península de Setúbal, Palmela tem conseguido conciliar o desenvolvimento industrial com a preservação de muitas das suas áreas rurais (Palmela, 2014).

As quatro freguesias que constituem o concelho de Palmela são a evidência desta pluralidade espacial que, por sua vez, tem fortes implicações na atuação dos agentes locais e do próprio desenvolvimento do território. A vila de Palmela, cujo centro histórico notável apresenta vestígios das diversas culturas que por ali passaram, é sede de concelho e centro administrativo. As restantes freguesias são Pinhal Novo – o pólo urbano mais dinâmico, Quinta do Anjo, com um magnífico património natural, em coexistência com uma fortíssima componente industrial e a União de Freguesias de Marateca e Poceirão, zona marcadamente rural.

Localização do concelho de palmela e respectivas freguesias. (Anexos)

Segundo os indicadores do Diagnóstico Social do Concelho de Palmela, este território apresenta uma densidade populacional de 135,1 habitantes por km², a mais baixa da Área Metropolitana de Lisboa (Palmela, 2014). No entanto, a densidade populacional do concelho é superior à nacional (114,5). Este indicador registou uma evolução muito significativa em relação a 1960, ano em que a densidade populacional do concelho era de 49,7 e a de Portugal registava 96,5 habitantes por km².

3. Dados obtidos a partir da caracterização do sector rural que é parte integrante da Estratégia de Desenvolvimento Local elaborada pela ADREPES – Associação de Desenvolvimento Regional da Península de Setúbal

Segundo os números e indicadores disponíveis (<http://www.pordata.pt/>)⁴ o concelho de Palmela conta com um população residente segundo os últimos Censos (2011) de 62.831 habitantes que representam 0,59% da população portuguesa e 2,23% da população da Área Metropolitana de Lisboa.

O concelho de Palmela registou desde 1960 um aumento significativo da sua população. Nessa data registava apenas 23.155 indivíduos residentes, representando 0,26% da população portuguesa e 4,58% da população da Área Metropolitana de Lisboa. Os sucessivos estudos registaram uma subida progressiva da população: 36.933, em 1981; 53.353, em 2001; e 62.831, em 2011.

Sendo sempre difícil realizar-se uma comparação com a Área Metropolitana de Lisboa na medida em que este território é o mais densamente povoado do país, parece, no entanto, possível estabelecer-se um paralelismo a este nível entre a densidade populacional (nº médio de indivíduos por Km²), segundo os censos disponíveis, entre o concelho de Palmela e Portugal no seu todo.

Neste quadro, verifica-se, a partir dos censos de 1981, que o concelho de Palmela regista números ligeiramente superiores à média nacional: 114,5, em 2001; e 135,1, em 2011 - por comparação com 112,4, em 2001; e 114,5, em 2011 no território nacional.

Relativamente ao índice de sustentabilidade potencial, em particular no que diz respeito ao número de indivíduos em idade ativa por idoso, segundo os censos, o concelho de Palmela registou sempre números superiores ao território nacional tendo, a partir de 1981, registado valores idênticos e superiores à Área Metropolitana de Lisboa: em 1981 - Palmela 6,8 e AML 6,9; em 2001, Palmela 4,6 e AML 4,5; em 2011, Palmela 3,8 e AML 3,6. Em 2011, o índice de envelhecimento do concelho era de 102,7%, de 117,3% na AML e de 127,8% em Portugal.

Segundo os indicadores do diagnóstico social do concelho de Palmela, o crescimento demográfico do território superou os 2% por ano entre 1997 e 2006, tendo abrandado em anos recentes. Este crescimento tem assenta-

do, quase exclusivamente, na capacidade de atrair novos residentes, sobretudo na zona norte do concelho: Pinhal Novo, pela proximidade à ponte Vasco da Gama, via A12, mas também a poente, Quinta do Anjo, perto da Serra da Arrábida, e a sul, Aires, no eixo de ligação a Setúbal. (Palmela, 2014).

Este diagnóstico dá-nos conta que o nº de alojamentos por edifício (1,53 em 2011) é o mais baixo da AML, a par de Mafra, e, no caso de Palmela, resulta do encontro entre o espaço rural, onde a tipologia preponderante é a moradia unifamiliar, e o urbano, de baixa densidade e verticalidade, com predomínio de cêrceas baixas, que caracteriza o concelho. Em 2001, este valor situava-se em 1,50, o que significa que o concelho tem crescido sem se descaracterizar (Palmela, 2014).

Estes indicadores são fundamentais para se aferir o cuidado ao nível do planeamento estratégico da governação a fim de conciliar o crescimento demográfico e urbanístico do concelho com a promoção e preservação do património cultural e natural.

Por outro lado, e apesar da integração num grande aglomerado populacional, a Área Metropolitana de Lisboa, percebe-se, pela dimensão geográfica, o número e a tipologia dos edifícios do concelho, que Palmela, apesar de todas as metamorfoses das últimas décadas, conseguiu preservar a sua matriz rural sem descurar a atracção de plataformas promotoras da criação de riqueza e emprego.

A QUESTÃO DO EMPREGO NO CONCELHO DE PALMELA

Em 1960, a população do concelho de Palmela empregada no sector primário era de 6.380 indivíduos e, em 2011, era de apenas 1.109. O sector secundário empregava, em 1960, 1.305 trabalhadores e, em 2011, 6.430. Neste sector, verificou-se uma subida constante até 2001, com o registo de 8.497 indivíduos, verificando-se, nos últimos anos, uma diminuição que coincidiu com a crise instalada em Portugal e nos países do sul da Europa a partir de 2007. O sector terciário registou uma evolução constante até 2011, registando nessa data 19.156 indivíduos em contraponto com 1960 que apenas registou 1.855 trabalhadores no sector. No somatório dos três secto-

4. Base de dados de Portugal Contemporâneo organizada e desenvolvida pela Fundação Francisco Manuel dos Santos. As estatísticas divulgadas são provenientes de fontes oficiais e certificadas, com competências de produção de informação nas áreas respetivas.

res da atividade económica o concelho de Palmela registou sempre uma evolução positiva ao longo dos anos, com exceção para o sector secundário que, entre 2001 e 2011, apresenta uma perda de 2.067 trabalhadores.

Evolução da população empregada no concelho de palmela segundo os censos (1960-2011): total e por sector de actividade económica.(Anexos)

Em 1960, a população empregada era de 9.540 indivíduos e, em 2011, de 26.695. A população empregada no concelho acompanhou o movimento, que se verificou em Portugal e na AML, registando uma diminuição da população empregada no sector primário e um aumento nos restantes sectores, com exceção para o sector secundário que na AML registou uma diminuição de 31.814 trabalhadores no período compreendido entre 1960 e 2011.

Evolução da população empregada em Portugal e na aml segundo os censos (1960-2011):

Total e por sector de actividade económica (Anexos)

No que diz respeito à população empregada por sexos, verifica-se, entre 1960 e 1981, uma enorme desigualdade entre o emprego masculino e feminino. A partir dos censos de 2001, regista-se uma tendência para a igualdade de sexos ao nível do acesso ao emprego.

Evolução da população empregada no concelho de palmela

Segundo os censos (1960-2011), por sexos (Anexos)

Relativamente aos trabalhadores por conta de outrem, verifica-se, de acordo com os dados disponíveis, uma evolução muito significativa do nível de escolaridade. Em 1985, os empregados com nível superior eram de apenas 78, registando-se 2.287 em 2013. Em 1985, apenas possuíam o nível secundário e pós-secundário 226 trabalhadores. Esse número subiu para os 4.810 em 2013. Nos níveis mais baixos de formação, inferior ao básico/1º ciclo e básico/1º ciclo, verifica-se uma diminuição muito considerável entre 1985 e 2013, facto que significa que aumentou a qualificação dos trabalhadores por conta de outrem que, sobretudo, regista saltos quantitativos e qualitativos a partir do 2º ciclo e com grande

reforço das qualificações a partir do 3º ciclo, registando nesse escalão, em 2013, 6.939 trabalhadores em contraponto com 552 em 1985.

Fábrica da autoeuropa em palmela (Anexos)

Depois da adesão de Portugal à então CEE, a economia portuguesa consolidou o processo de abertura ao exterior com a consequente exposição ao processo de globalização.

A excelente localização geoestratégica do concelho de Palmela, as suas excelentes acessibilidades e a proximidade a Lisboa e diversas zonas portuárias e ao aeroporto, entre outros aspetos, constituíram-se relevantes para que o Grupo Volkswagen demonstrasse, em 1991, interesse na localização neste território de uma das suas unidades de produção. Neste sentido, no início dos anos 90 do século XX uma parceria entre a Ford e a Volkswagen deu origem à fábrica de automóveis de Palmela, cujo início da laboração teve lugar no ano de 1995.

Esta unidade fabril, o maior investimento realizado em Portugal até à presente data, revolucionou o emprego ao criar 3.500 postos de trabalho diretos nesta geografia, induziu um grande estímulo ao desenvolvimento da região e do país contribuindo ainda, de forma muito significativa, para o PIB (Produto Interno Bruto) nacional, representando 1,1%.

A implementação da Autoeuropa que em 1999 passou a ser detida apenas pelo grupo alemão, tendo alcançado no ano de 2013 uma produção de dois milhões de veículos, representa um desafio permanente para Portugal e uma enorme satisfação para todos os responsáveis políticos com destaque para o Presidente da Câmara Municipal de Palmela, Álvaro Amaro, que na qualidade de primeiro responsável pela governação local sente, como nenhum outro, o impacto da Autoeuropa no território. A este propósito, referiu que a Autoeuropa fez com que Palmela deixasse de ser conhecida, exclusivamente, como um concelho eminentemente rural (Lusa, 2016). O autarca manifestou ainda, a este propósito, que a par de uma agricultura e de uma vitivinicultura fortes que fazemos questão de preservar, temos o privilégio de ter uma das indústrias mais significativas do país, que transfigurou a vida no território (Lusa, 2016). Confirmamos, pois, que:

Com a entrada deste magno projecto na península de Setúbal desenvolveu-se no eixo Palmela-Setúbal uma organização em cadeia que culminou num processo de integração vertical, onde a par de empresas de produção e montagem automóvel se situam fornecedores de componentes, empresas subcontratadas, distribuidores e vendedores de automóveis, factor que trouxe um progresso e um desenvolvimento – sobretudo pela criação de postos de trabalho envolvidos – dificilmente imagináveis sem este projecto (Correia, 2000). Neste sentido, e segundo o diagnóstico social do concelho de Palmela:

A evolução do índice de polarização de emprego (quociente entre a população empregada numa determinada unidade territorial e a população aí residente e empregada) evidencia esta mudança, passando de 0,78 em 1991 para 1,02 em 2011, sendo juntamente com os concelhos de Lisboa e Oeiras os únicos da AML a apresentar um valor superior à unidade deste índice (Palmela, 2014).

Em 1960 Palmela registava uma taxa de desemprego de 1,2%, e em 2011, de 13,6%, valor acima do registado na AML (12,9%) e ligeiramente superior ao registado a nível nacional (13,2%). O concelho de Palmela acompanhou também ao nível do indicador desemprego as grandes transformações sociais ocorridas em Portugal.

A adesão e integração europeia, a entrada da mulher no mercado de trabalho e também a crise das dívidas soberanas que se abateu sobre Portugal e os países do sul da Europa marcaram a evolução do desemprego no concelho e na região da AML.

Em Palmela, verificou-se o aumento da população e também da sua qualificação. Manteve-se um nicho de empregabilidade no sector primário mas, à semelhança da região e do país, verificou-se um aumento da empregabilidade nos sectores secundário e terciário que, função dos ajustamentos de cada sector e das crises que ciclicamente os assolam, também provocou níveis de desemprego numa perspectiva quase sempre ascendente.

Em 2011, no concelho de Palmela, a taxa de desemprego feminino era de 14,4 % e 12,8% masculino. Em Portugal, esse valor era de 13,8% a nível feminino e 13,2% a nível masculino.

30 ANOS DE INTEGRAÇÃO EUROPEIA

A 1 de Janeiro de 2016, Portugal completou 30 anos de integração europeia. Muita coisa mudou entre avanços e recuos. É consensual e reconhecido o esforço que Portugal realizou nestas 3 décadas, fazendo neste período o que muitos países puderam fazer, paulatinamente, ao longo de um período muito maior.

A queda do regime ditatorial, a Revolução do 25 de Abril de 1974, a consolidação da democracia e a adesão à CEE, em 1986, constituíram-se como momentos fundamentais da mudança e de abertura de Portugal ao mundo depois de quase meio século de isolamento internacional.

Os portugueses depositaram muita esperança no processo de integração europeia desejando ardentemente a melhoria das condições de vida. Ao mesmo tempo, a Europa desejava apoiar Portugal a consolidar a sua democracia evitando assim a existência de um território no sul do velho continente com perturbações políticas:

A Europa era a democracia, o progresso, a prosperidade, o espelho no qual nos olhávamos como a nossa aspiração ideal. Após quase cinco décadas de ditadura, Portugal superou uma letargia quase secular, com um atraso e isolamento endémicos, qual realidade marginal e frágil, em que a tradição sobrepujava fortemente a modernidade, dominada por uma endogamia intelectual e política que impunha uma autarcia mental com graves consequências culturais e sócio-económicas (Rocha, 2007).

Seguiram-se anos de euforia. Portugal cresceu e desenvolveu-se muito. Recuperou, de forma impressionante, o tempo perdido. O apoio da União Europeia foi fundamental para a construção de infraestruturas, para o crescimento económico e para o bem-estar social.

Nos anos pós-adesão, Portugal começou a realizar um percurso de convergência continuada em relação à média europeia na maioria dos seus indicadores de desenvolvimento. Na década de 90, o peso da União Europeia fez-se sentir em todos os domínios da sociedade. O país recuperou décadas de atraso. Modernizou-se. Porém, a crise económica e financeira que, recentemente, atingiu Portugal fez com que a rota de convergência desse lugar a um

caminho de divergência, nomeadamente em função da forte dose de austeridade aplicada durante o programa de ajustamento.

Neste contexto, e na sequência de uma década marcada pela adesão ao euro, pela aceleração do processo de globalização e pelo alargamento da União Europeia a Leste, o processo de convergência português recuou mais de 20 anos (Mateus, 2015).

No entanto, Portugal é hoje um país moderno, aberto ao mundo e verdadeiramente europeísta em tudo o que o significado encerra.

As transformações sociais que tiveram lugar em todos os domínios da sociedade têm uma relação direta com o processo de integração, com destaque para os fundos de coesão e para as diretivas europeias que foram sendo transpostas para a legislação nacional, mudando as formas de fazer a que o país estava habituado. Mas, os avanços registados nos primeiros anos de adesão, em particular ao nível do desempenho económico, têm vindo a regredir.

Um estudo coordenado pelo economista Augusto Mateus sobre esta matéria e designado por *Três Décadas de Portugal Europeu: Balanço e Perspectivas*, diz-nos que em 2013, o nível das famílias portuguesas era 25% inferior à média europeia, a mesma distância que se registava em 1990 (Mateus, 2015).

Apesar da intermitência das rotas de convergência e divergência, somos europeus por origem, mas também por opção. A Europa a que aderimos há 30 anos, continua a ser a nossa vocação. E é o nosso destino (Sande, 2016).

AS TRANSFORMAÇÕES SOCIOECONÓMICAS NO ESPAÇO RURAL

O território de Palmela evidencia as duas classificações clássicas da divisão do espaço em rural e urbano. Porém, e apesar da proximidade com Lisboa e da sua integração plena na grande dimensão populacional que é a principal área metropolitana de Portugal, Palmela assume-se como um concelho onde cabem os dois mundos, o rural e o urbano.

Apesar de ser um dos maiores territórios desta zona em extensão geográfica, Palmela é o concelho que menos cresce a nível demográfico e o que cresce de forma mais controlada a nível urbanístico. De resto, como se verifica através da narrativa da governação local, exis-

te um objetivo muito claro de valorização das raízes e da identidade do concelho de Palmela, através da promoção da sua história, património cultural e natural, ao mesmo tempo que se abraçam as vantagens que a globalização ofereceu como, por exemplo, a instalação da fábrica Autoeuropa.

Palmela exhibe, com orgulho, a sua matriz rural e é a partir deste patamar identitário que constrói todo o seu planeamento estratégico rumo ao futuro. Neste contexto, a ruralidade, ainda hoje bem vincada e evidente, abre-se a novos sentidos que não se encaixam, forçosamente, nas tendências que a designação clássica definiu para o espaço rural e urbano.

Através das leituras dos textos clássicos pode considerar-se que o espaço rural se caracteriza essencialmente pela noção de contiguidade (entre local de residência e local de trabalho, entre proximidade física e proximidade afetiva), que advém, sobretudo, do baixo nível de densidade populacional (Carmo, 2009).

A população de Palmela que até à década de 50 se dedicou maioritariamente à agricultura, conquistando terreno à charneca, tinha o seu local de residência junto ao seu local de trabalho com toda a proximidade afetiva e cultural que essa condição produziu.

O trabalho da terra foi sempre muito duro, existindo um fosso enorme entre os poucos proprietários das casas agrícolas, mais abastados, e a enorme mancha de pobreza que constituíam os trabalhadores da terra. Neste sentido, confirmamos que:

Nos anos que se seguiram ao fim da II Guerra Mundial, a essas ameaças, juntaram-se as incertezas crescentes quanto às condições de escoamento e aos preços dos vinhos no mercado. As elites locais, nomeadamente as que exerciam cargos políticos, até podiam prometer a resolução de alguns problemas que afetavam os mais pequenos agricultores, mas acabavam, quase sempre, por dar prioridade apenas aos seus próprios interesses. A aceleração da industrialização, a partir de finais da década de 50, abriu outras possibilidades de sobrevivência, levando muitos a desvincular-se da terra. Enquanto essas oportunidades não chegavam viviam-se estes anos de espera, como escreve Cristina Prata. Os últimos que em Palmela, como no resto do país, a terra foi

a principal fonte de rendimentos e a agricultura o sector mais importante da economia nacional. Foram os anos em que chegou ao fim um percurso milenar - Dulce Freire, prefácio a (Prata, 2013).

De facto, o espaço rural:

Tem sofrido um conjunto de mudanças estruturais resultantes fundamentalmente do processo de urbanização que se estendem e penetram em áreas significativas das zonas rurais. No entanto, as influências da urbanização não podem ser vistas de forma homogénea, elas não se generalizam e não são apropriadas da mesma maneira pelas diferentes localidades e comunidades (Carmo, 2009).

O concelho de Palmela é, neste sentido, uma zona intermédia, normalmente designada de periurbana, que, por sua vez, se apresenta como espaço de transição, combinando aspetos rurais e urbanos, evidenciando as designadas novas fronteiras, que questionam os limites administrativos das cidades, sobre as quais nascem novas formas de urbanidade e que fazem dos campos em volta das cidades lugares de experimentação social renovada, o desafio é inevitável (Vaz & Baudin, 2014).

Os anos 90 representam uma grande mudança para este território e coincidem com uma nova visão que caracteriza as zonas rurais como espaços que se emancipam à tradicional dicotomia urbano-rural na medida em que integram fatores próprios de dinamismo socioeconómico e sociodemográfico. Sem dúvida, em termos teóricos, confirmamos que:

A obra de Bernard Kayser intitulada *La Renaissance Rurale* (1990) representa o marco principal desta nova concepção, que identifica, entre outros aspectos, um crescimento demográfico e um aumento dos efectivos a trabalhar em sectores não agrícolas em determinadas zonas rurais. Segundo esta visão, o rural pode gerar desenvolvimento, no sentido de atrair e de promover certas áreas de produção industrial e de prestação de serviços (sejam eles comerciais, turísticos, lúdicos, etc.) A gradual perda de importância social dos agentes locais (indígenas ou imigrantes), a necessidade e a capacidade (ou a inevitabilidade) de dinamizarem actividades alternativas de carácter não agrícola (Carmo, 2009).

A Autoeuropa e a política de reafirmação da identidade local promovida pela governação local encaixaram numa lógica de reinvenção do espaço rural daquele território, onde a tradição e a modernização, para além de não colidirem, assumem-se como plataformas de atração de investimento em capital económico, social e cultural. Neste sentido, o concelho de Palmela insere-se no contexto das profundas alterações que tiveram lugar em diversas cidades, vilas e aldeias, após a Revolução do 25 de Abril de 1974, que, como refere o investigador Domingos Vaz:

conduziu ao reforço do poder autárquico, que aliado a novas práticas de planeamento, deu origem a diversos processos de investimento público e privado, de cariz infraestrutural e imobiliário, que alargaram as manchas urbanas muito para lá dos seus centros tradicionais (Vaz & Baudin, 2014).

CONCLUSÃO

O território de Palmela tem vindo a trilhar um caminho no mínimo interessante na medida em que tem sabido conciliar a pressão que a área metropolitana de Lisboa exerce aos níveis demográfico e urbanístico. Assume a sua matriz rural para valorizar e solidificar uma identidade milenar. Promove a agricultura, os seus vinhos e espaços naturais numa linha estratégica de desenvolvimento turístico que estimula a preservação e conservação do património endógeno. Embarca nos ventos de mudança sem crescer demasiado. Abraça a globalização que neste caso foi extremamente positiva para o concelho, nomeadamente no quadro da instalação da fábrica Autoeuropa e do cluster automóvel. Tem sabido aproveitar o melhor do espaço rural e do espaço urbano, maximizando as duas diversas possibilidades de crescimento e desenvolvimento. Soube aproveitar os grandes investimentos que os fundos de coesão da União Europeia permitiram realizar na região e no país, melhorando, de forma significativa, as acessibilidades e a capacitação de novas empresas e indústrias.

A governação local tem vindo a trabalhar com grande pensamento estratégico e a cuidar das suas raízes ancestrais.

A grande questão que se coloca em tempos de globalização e de maximização de lucros é a de perspetivarmos o futuro do concelho sem a Autoeuropa se porventura a casa mãe, na Alemanha, um dia decidir deslocalizar

esta grande unidade de produção para outras geografias que apresentem menores custos de produção.

Esta é, sem dúvida, uma grande questão que está sempre em cima da mesa e também um enorme desafio para o concelho de Palmela, para Portugal e para a União Europeia. ¶

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Barreto, A. (1995). Portugal na periferia do centro: mudança social, 1960 a 1995. *Análise Social*, vol xxx (134). pp. 841-855.

Carmo, R. M. (2009). A construção sociológica do espaço rural: da oposição à apropriação. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 11, nº 21, Jan/Jun; pp- 252-280.

Correia, A. D. (2000). A AutoEuropa: um modelo de produção pós-fordista. *Análise Social*, vol xxxv (156); pp.739-779.

Gaspar, J. (2016). *Futuro, Cidades e Território*. Finisterra, LI, 101; pp.5-24.

Granado, C. (2010). Democracia e participação ao nível local: o poder político e o orçamento participativo – O caso de Belo Horizonte e Palmela; Tese para a obtenção do grau de Doutora em Sociologia; Departamento de Sociologia do ISCTE/IUL – Instituto Universitário de Lisboa.

Lusa, A. (2016). Fábrica da Autoeuropa revolucionou o emprego na região de Setúbal; <http://dev.30anoslusa.pt> (16.04.2016).

Marques, António Pedro Sousa (2006). Actores, estratégias e desenvolvimento local – conflitos e consensos no município de Palmela no limiar do século XXI; Tese para a obtenção do grau de Doutor em Sociologia; Departamento de Sociologia da Universidade de Évora.

Mateus, A. (Coord.) (2015). Três décadas de Portugal europeu: balanço e perspectivas; Fundação Francisco Manuel dos Santos e Sociedade de Consultores Augusto Mateus & Associados; p.41.

Neves, A. O. (1996). Avaliação ex-ante do impacto de grandes projectos sobre o desenvolvimento local: um contributo metodológico a propósito do projecto Ford/Vw; *Sociologia – Problemas e Práticas*. Nº 22; pp. 43-59.

Palmela, C. M. (2015) *Divisão de Recursos Humanos e Organização – Observatório Económico e Social*. Anuário Estatístico de Palmela: o retrato do concelho em números – 2013. edição: Câmara Municipal de Palmela.

Palmela, R.S. (2014). *Diagnóstico Social do Concelho de Palmela*; edição: Núcleo Executivo da CLAS Palmela; pp.13-17.

Prata, Cristina (2013). *Palmela – Chão que dá Uvas – A Terra e o Trabalho das Gentes (1945-1958)*; edições Colibri; pp.12-13.

Ribeiro, O. (2004). *A Arrábida*. Esboço Geográfico; 3ª Edição; Lisboa; Fundação Oriente/Câmara Municipal de Sesimbra; p.122.

Rocha, A. S. E. (2007). Portugal, da ditadura à integração: 20 anos na União Europeia; Universidade do Minho / Instituto de Letras e Ciências Humanas / Centro de Estudos Humanísticos ([/bitstream/1822/8758/1/Espanha%20e%20Portugal.pdf](http://bitstream/1822/8758/1/Espanha%20e%20Portugal.pdf)); p.24.

Sande, P. A. (2016). 30 anos na União Europeia: as três Europas. *Jornal Observador*; <http://observador.pt/opinioao/30-anos-na-uniao-europeia-as-tres-europas/>.

Vaz, D. M & Baudin, G. (org.) (2014). *Transação territorial. Novas relações cidade-campo*. Edições Húmus; V.N. Famalicão; pp. 9- 28.

<http://www.cm-palmela.pt>

turismo.cm-palmela.pt

www.volkswagenautoeuropa.pt

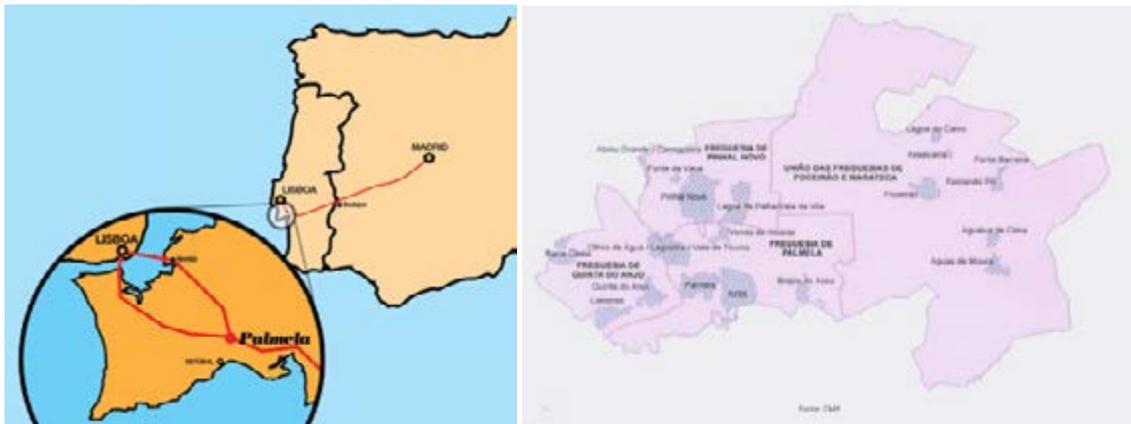
<http://www.adreps.pt/>



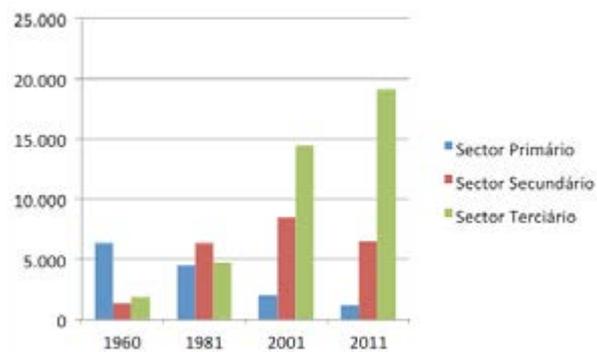
ANEXOS



Câmara municipal de Palmela e vista panorâmica
Fonte: Câmara Municipal de Palmela

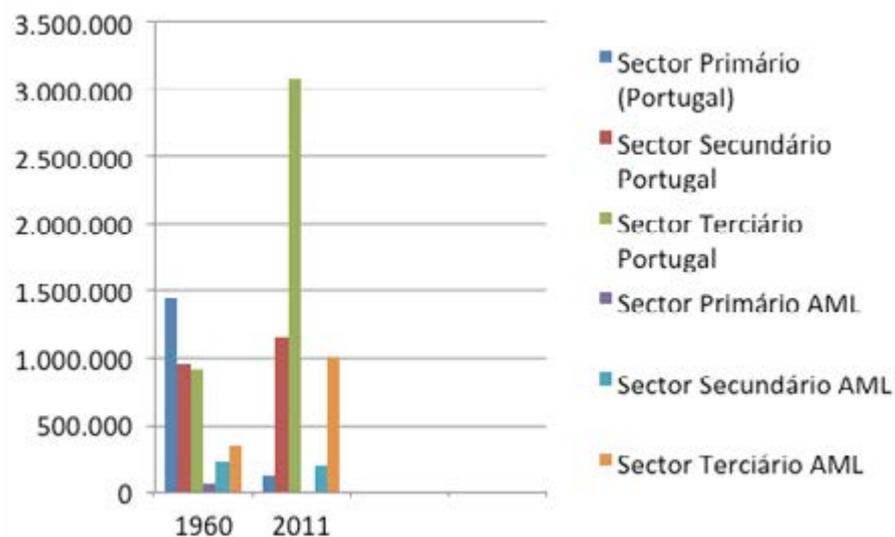


Localização do concelho de Palmela e respectivas freguesias
Fonte: Câmara Municipal de Palmela



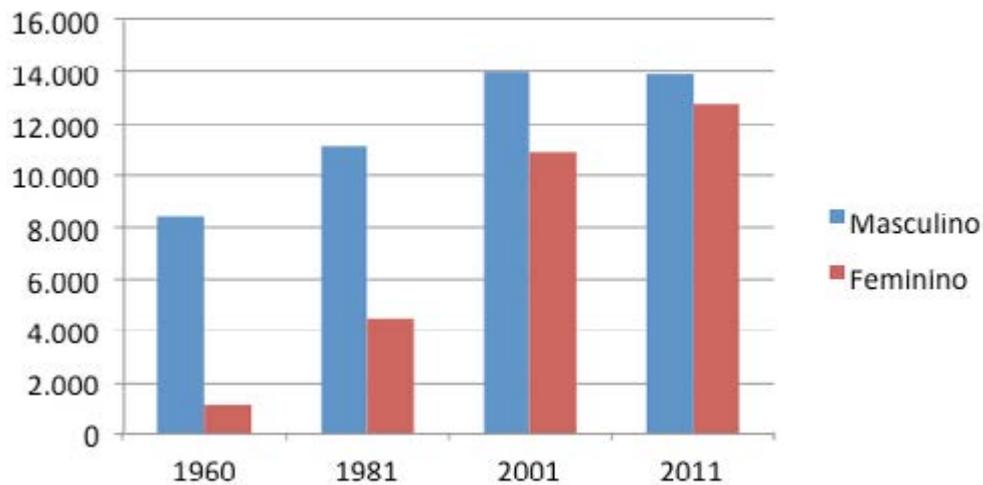
Evolução da população empregada no concelho de Palmela segundo os censos (1960-2011): total e por sector de actividade económica
Fonte: PORDATA / Quadro elaborado pelo autor.

ANEXOS



*Evolução da população empregada em Portugal e na aml segundo os censos (1960-2011):
Total e por sector de actividade económica*

Fonte: PORDATA / Quadro elaborado pelo autor.



*Evolução da população empregada no Concelho de Palmela
Segundo os censos (1960-2011), por sexos*

Fonte: PORDATA / Quadro elaborado pelo autor.



*Fábrica da Autoeuropa em Palmela
Fonte: Autoeuropa*